

Eu, como se indica no título desta conferência, nom vou ocupar-me na totalidade dessa obra literária, que é umha obra verdadeiramente ciclópea, que comprende muitas páginas, e que está espalhada polos diversos géneros literários, de jeito que Otero Pedraio merece realmente essa calificação, que como tópico se usa tantas vezes, de polígrafo. É um grande polígrafo, é um home de estrutura mental romântica, que nom distingue com precisom, que nom distingue com exactitude os limites que separam os diversos géneros literários.

Realmente, os géneros literários som algo construído a posteriori sobre a realidade literária. Cando Aristóteles, por primeira vez dentro da tradição literária e retórica de Ocidente, nos traça um quadro dos diversos géneros literários, nom procede platonicamente.

Quero dizer que a Platom, mestre de Aristóteles, mais velho do que el, podemos considera-lo porém, do ponto de vista da sua mentalidade, como mais juvenil. Hai em Platom algo do que hai em Otero Pedraio: umha mistura, umha confusom ou umha radical integraçom do poético e do científico; mentres Aristóteles vai ser um home mais realista, vai professar umha espécie de empirismo, que o leva a construir a doutrina dos géneros literários mediante a observaçom da realidade fáctica do mundo literário em que vive.

O que ocorre é que a grande autoridade que Aristóteles conquistou levou-nos a extrapolar a toda classe de culturas o que el analisou e estabeleceu baseando-se na realidade da cultura em que el estava imerso.

Género épico, género lírico, género dramático. A elegia, a ode, a tragédia, a comédia, a epopeia, nom som arquétipos traçados, como Platom poderia suster, pola mente do Criador, que se ham de repetir forçosamente dentro de cada cultura.

Hoje sabemos que as culturas som múltiplas, e que só dumha maneira artificiosa podemos aplicar os cânones procedentes dumha determinada cultura, por exemplo a cultura clássica, a cultura greco-romana, a civilizaçom, a status culturais que tenhem mui pouco que ver coa tradição antiga no sentido de clássica, no sentido de greco-latina.

Hai umha literatura, hai umha cultura, hai umhas letras semíticas, hai umha literatura arábica mui importante, e que em Espanha tem umha projecçom de capital interesse, que nom se ajusta de nengumha maneira a esses cânones; nom existe o teatro propriamente dentro da cultura islâmica... Muito mais poderíamos dizer a este respeito.

Mas, o que nos interessa agora é indicar como Otero Pedraio, ainda aceitando, em princípio, os esquemas dos géneros gregos, dos géneros aristotélicos —porque todos fomos educados sobre a base da tradição clássica—, rompe esses limites, rompe esses valores que separam mais ou menos artificiosamente as criaçom dum tipo ou doutro tipo, e às vezes em presença das suas obras nom podemos dizer se se trata de trabalhos de tipo épico, se se trata de trabalhos de tipo lírico, se se trata de obras de carácter dramático.

A Lagarada, umha grande tragédia báquica, umha das melhores peças do teatro galego, que eu saiba jamais representada, é ao mesmo tempo umha magnífica amostra de ditirambo, e um hino à vindimia que tem muito de lírico.

E quanto à última das suas obras romancísticas importantes, publicada no ano 1935 e dedicada a Castelao no desterro (pois entom Castelao se achaba en Badajoz, como é sabido, trasladado nas suas funçom de funcionário do Estado por umha represália política), essa obra, Devalar, que tem umha estrutura, externa de romance, é na realidade um poema, um poema geórgico ao mesmo tempo que um poema em que se pintam caracteres humanos. Hai algo de Virgílio, e hai algo de Menandro; hai algo das

Geórgicas e hai algo dos Caracteres neste Devalar, que coroa na realidade esse ciclo de romances que vai da Desamortizaçom aos preliminares da guerra civil.

Isto é interessante porque, como em Otero lateja um pulo romântico que se combina estranhamente com uns dotes de observaçom do mundo rural (que el conhecia mui bem) dignos dos grandes escritores de tradiçom realista e naturalista, pode haver muitas confusons ao julgar a Otero, e nom podemos aplicar-lhe um cânone semelhante a aquel com que julgamos nem aos escritores românticos propriamente (um Chateaubriand, mui admirado por Otero Pedraio) nem aos escritores realistas modernos.

Realmente Otero é um mundo, é toda umha literatura el só, e na sua obra acham-se páginas que podemos calificar de inspiradas nos préromânticos europeus, em Rousseau, em Bernardim de Saint-Pierre, e achamos páginas que nos sorprendem, que nos agridem praticamente na nossa sensibilidade polo seu profundo verismo. Sempre dentro dumha fidalga, dumha senhorial compostura, Otero nom vacila em dar-nos umha visom real, realística, quase naturalística, das lacras da sociedade galega, sem que haja nel nunca um partidismo que o leve a apresentar-nos como ideal a vida dumha determinada casta.

Tem-se dito que Otero Pedraio é o grande cantor da fidalguia galega. E, efectivamente, a sua obra romancística em certo jeito é um requiem, um requiem polos fidalgos galegos. El mesmo era um home que procedia dessa casta: da pequena nobreza, nobreza nom titulada.

Apesar de que viveu numha época em que as distinçons sociais estavam desacreditadas, em todos nós fica, muitas vezes instintivamente, um gruído de admiraçom ante todo o que seja tradiçom aristocrática; por isso muitos dos comentaristas que se temhem ocupado mais ou menos esporadicamente, ou mais ou menos superficialmente, de Otero, insistem em que era um fidalgo que vivia num paço, o paço de Trasalva.

Hai que ter em conta que jamais Otero lhe tem chamado paço à sua casa de Trasalva. Tinha a elegância de dizer «casa», «a minha casa de Trasalva», porque nel nom havia em absoluto, como havia em Valle-Inclán, por exemplo, este sentimento de casta superior, que pode ser explorado literariamente até o ponto de arrancar-lhe acordes literários de grande qualidade. Pero Otero Pedraio é em certo modo o «anti-Valle-Inclán».

Em Valle-Inclán quase nom hai lugar mais que para os nobres, para os fidalgos, para o truculento Montenegro e seus filhos, e se aparecem —como aparecem realmente— figuras de caseiros, figuras de aparceiros, estes som servos, servos que admitem o seu servidume; já o dizia Valle-Inclán: em Galiza existem duas classes de pessoas, os nobres (os senhores) e os servos.

Pois bem, a obra de Valle (umha parte da sua obra polo menos, que se manifesta nas Comédias Bárbaras e no ciclo romancístico da guerra carlista) é umha obra aristocrática, umha obra bastante influída por escritores estrangeiros, um Barbey d'Aurevilly, por exemplo, que nos apresenta umha apologia, no fundo, da aristocacia galega.

Ainda que decadente, é umha gesticulante raça de titans que inspira grandíssimo respeito a Valle-Inclán, quem se considera um deles; e efectivamente o era pola sua genealogia.

Otero Pedraio, em troca, e isto já se tem remarcado e é mui importante, vê a sociedade galega dumha maneira total, e sente-se identificado, com efeito, coa velha nobreza que vive ainda nos paços e cujo sol-pôr outonal vai ser cantado por el em termos elegíacos. Porém, ao mesmo tempo e directamente, sem esforço nengum, sem demagogia nengumha, comprende, assimila, sente, comunga, a realidade da vida do campesino. Otero é tam campesino, tam lavrador, como fidalgo. E esta totalidad com que enxerga o nosso país, esta comunhom coa totalidade das formas de vida humana da

Galiza do seu tempo e do tempo imediatamente anterior, é a que lhe dá umha vida que nom tem, efectivamente, esta outra estilizada, esta outra subtilmente alambicada e senequianamente forçada tragédia e comédia das obras valle-inclanescas.

Se nos acercamos à obra de Valle-Inclán, evidentemente adquirimos um conceito da Galiza que é o que se professa fora dos nosso limites, e entre aquelas pessoas que nom som galegas, e que som cultas e que nom tenhem vivido connosco um número suficiente de anos.

A Galiza de Valle-Inclán é um produto de exportaçom que se lança em Madrid por um genial mistificador, e que vai ser assumida polos leitores mesetários como a única Galiza real. Busca-se essa Galiza cando se vem à nossa terra e, naturalmente, nom se acha; e nom se acha, entre outras razons, porque os tempos cambiaram e se produziu umha série de mudanças vertiginosas ultimamente.

Mas ademais na realidade a Galiza de Valle-Inclán é um produto literário de grande calidade, ainda que um tanto enfermicho, um tanto decadente.

Em troca, a Galiza de Otero Pedraio é umha Galiza real, se bem tenhamos que resgatar do quadro da Galiza que Otero Pedraio nos traçou algumas páginas em que a sua devoçom polos primeiros românticos, especialmente franceses, e inclusive polos pré-românticos —já citei alguns— o impele a traçar uns quadros que, na verdade, se polo seu estilo, se pola sua graça, se polo cinzelado e polo frondoso da sua linguagem nos movem a admiraçom, do ponto de vista da composiçom narrativa mais bem obstaculizam que favorecem o nosso assentimento.

Esta é, a grandes traços, a caracterizaçom que me parece poderemos dar à obra romancística de Otero Pedraio, que é umha obra eminentemente patriótica.

Ser eminentemente patriótica umha obra literária é algo absolutamente indiferente polo que se refere à sua classificaçom artística. Pode-se ser um grande patriota e um péssimo escritor, e pode-se ser um grande escritor o ser indiferente ante os problemas da pátria. Mas em Otero reúnem-se a calidade genial do escritor, a capacidade quase ilimitada de criar mundos de imaginar formas de expressom com um profundo sentido patriótico.

Pero entendamo-nos: nom se trata dum patriotismo forçado por umha adscriçom política, nom se trata dumha literatura panfletária, de propaganda sentimental.

Hai páginas, com efeito, em que podemos registar algo disto, mas essas páginas nom som verdadeiramente relevantes dentro da obra de Otero Pedraio, e se cadra som as mais débeis do conjunto que formam os seus romances, o seu teatro, a sua mesma poesia lírica —já que também foi poeta—, e seu interessantíssimo ensaio.

No mais profundo da literatura de Otero está um sentido natural de comunhom coa terra, que procede das circunstâncias privilegiadas em que viveu, por umha banda; e da sua enorme capacidade de comprensom e de assimilaçom, por outra. Era um home que vivia na aldeia umha parte do ano, e outra parte do ano numha pequena cidade. O Ourense da mocidade e da adolescência de Otero mal era outra cousa que umha grande aldeia situada entre vinhas e povoada por poucos artesans, por poucos fidalgos que tinham vinhedos nos arredores, e por uns cantos funcionários.

Neste mundo pequeno em que todos se relacionavam, em que D. Marcelo Macias passeava polo Esporom da praça Maior os dias de inverno, ou saía a tomar o sol pola estrada que conduzia a Vigo, todo se relacionava intimamente. Havia ademais, nos primeiros tempos da vida de Otero, umhas disponibilidades cronológicas mui grandes. Os senhores empregados nas oficinas rematavam aginha as suas tarefas apesar de que entom nom havia máquinas de escrever, e, menos, ordenadores informáticos; e depois passeava-se, celebravam-se tertúlias, eram intermináveis as conversas, e todo isso favoreceu o regosto de Otero na vida que o rodeava, e chegou a conhecê-la

perfeitamente. Mas, claro, nom avonda viver no campo ou numha pequena cidade para conhecer bem esse campo e essa pequena cidade se nom se tenhem umha simpatia humana e umha simpatia cósmica que impelem a falar coa gente, a preocupar-se dos seus problemas pessoais, a ser um familiar deles, tanto dos mais encumeados como daqueles que ocupam as posiçõs mais humildes na sociedade.

Hai que ter essa simpatia, essa cordialidade, esse sentimento de carida, de ou de filantropia, segundo que adoptemos a terminologia religiosa ou a terminologia laica, para assimilar o coração mesmo do nosso interlocutor, e para penetrar coa nossa olhada o fundo das entranhas nos homes que connosco se relacionam.

Pero ademais havia umha olhada em Otero Pedraio que aprofundava na paisagem. E como el era geógrafo de profissom, e nom um geógrafo descritivo estilo antigo, senom un geógrafo que se preocupava sobretudo da geografia humana e relacionava constantemente a terra, a face da terra, coas modificaçõs que o home realizava na terra e coas pegadas que a terra produzia no home, Otero resultou um home especialmente dotado para o romance.

Hai romances e romancistas que mal concedem importância à paisagem, Chékhov, por exemplo: nom lhe preocupavam mais que os homes, as paixõs humanas. Hai outros, em troca, que tenhem do home umha visom estilizada, contemplada longiquamente e que, em contrapartida, som magníficos extractores do lirismo da paisagem; por exemplo, Gabriel Miró.

Em Otero juntam-se as duas qualidades, e juntam-se ademais com umha modéstia, com umha naturalidade, com umha falta de ostentaçom e de exhibiçom que o pom mui por cima dumha geraçom posterior de escritores espanhóis que buscarom surprender-nos coa truculência, que buscarom assustar-nos co sangue ou os atrevimentos na descriçom de cenas sexuais, e que nos deixam hoje frios porque vivemos numha sociedade permissiva na qual o que nos interessa é o profundo latejo íntimo das vidas, e nom exhibiçõs e atrevimentos que hoje nom o som porque nom existe umha censura que poda perseguir-nos, e aquel tipo de escritor que se vendia às furtadelas polas suas audácias está fora do mercado actual.

Assi, pois, eu valorizo extraordinariamente a obra romancística de Otero, que tem na realidade um protagonista único, que é a nossa terra, que é Galiza; e o é nom só em obras como Devalar, nas quais a presença desse protagonista se manifesta dumha maneira praticamente expressa, dumha maneira explícita. Esta obra lembra os unanimistas franceses ou certos escritores americanos, como John dos Passos, que som capazes de traçar umha série de obras narrativas cujo protagonista é umha colectividade, por exemplo Manhattan Transfer, que tem como protagonista na realidade a Nova Iorque. Pois este tipo de obra é Devalar, e aí Galiza é realmente o protagonista, mas nas demais ocorre o próprio, porque na primeira e mais ambiciosa obra de Otero Pedraio no género do romance, ou seja, Os caminhos da vida, se nos apresenta nada menos que a transformaçom da sociedade galega como consequência de duas cousas: a Desamortizaçom e a Revoluçom Industrial, que incorpora o comerciante castelhano à nossa vida (o comerciante castelhano que vai ser satirizado em O porco de pé, de Risco), e que transforma assi mesmo as condiçõs da economia do país mediante o trânsito dumha economia natural, dumha economia de produçom principalmente agrícola e de câmbio em espécies à economia monetária.

Entra o dinheiro, o comerciante castelhano, que aproveita a construçom das estradas para situar-se estrategicamente. Os nossos paisanos começam entom a ver o dinheiro, praticamente, e, claro está, o dinheiro, tam doestado por alguns poetas americanos modernos que representavam umha postura de protesto dentro do seu país, o dinheiro, trai consigo também umha regulaçom da vida, da vida social, que nom só da economia,

fundada em leis rígidas; um direito positivo e escrito, que é também umha revoluçom dentro don nosso país.

O camponês regia-se por velhos costumes, por acordos que nom se concretizavam em documentos; um direito consuetudinário e venerável governava as relaçons sociais entre nós. Mas agora co dinheiro, coa letra de câmbio, coa moeda, vem a necessidade do contrato, da actividade do notário, e aparece outra figura, a do curial, que, juntamente coa do comerciante, coa do burguês, é umha figura que Otero Pedraio, no coraçom aderente ao sistema antigo (nom polo que tinha de arcaico, mas polo que tinha de natural), vê sempre de um ponto de vista satírico.

As figuras de curiais, as figuras de comerciantes, forom vistas sempre por Otero — como por Risco— de um ponto de vista crítico e satírico. O porco de pé é a sátira do comerciante castelhano alheio realmente à tradiçom do país, que se fai, porém, o dono da cidade e chega a ser alcaide, antes da Ditadura e logo também coa Ditadura de Primo de Rivera.

Mas se Risco se burlou em formas muitas vezes sangrentas do filisteu, do burguês, do home económico, fazia-o principalmente por considerá-lo, como pudo considerá-lo por exemplo Heine, umha figura carente de graça, carente de estética.

Frente ao filisteu está o intelectual, o escritor, o artista; esta é a posiçom dominante em Risco apesar da sua grande preocupaçom poios problemas do país. Mas conserva todo aquel dandismo que caracterizava os homes que faziam La Centuria, enquanto Otero Pedraio, originalmente um indivíduo semelhante a Risco, semelhante a estess intelectuais de tendência cosmopolita cujos deuses literários eram os simbolistas franceses. Otero, digo, depois de dar voltas arredor de si, acha que na comunhom coa sua terra está a sua salvaçom; surde o galeguismo, surde o nacionalismo como religiom salvatória à maneira das velhas religions da antigüidade tardia, e as raizes campesinas de Otero sobreponhem-se a esse espírito cosmopolita com muita mais autencidade que no caso de Risco, que, ainda que escreveu formosas páginas em louvor da Terra (por exemplo a sua novelinha, ou mais bem, diálogo platónico, A Coutada), foi no entanto sempre um home mais intelectual, menos capaz dumha espontânea comunhom coa natureza, menos capaz de sobrepor essa comunhom ao excessivo apreço que ameaça ao intelectual profissional pola inteligência e a arte, polos produtos da cultura urbana.

O que professa um amor fetichista pola inteligência e pola arte, o que se enche a boca chamando-se intelectual ou artista, geralmente nom o é; é um snob que pretende ocupar na sociedade um posto brilhante.

Para ser verdadeiramente intelectual e para ser verdadeiramente artista, é preciso conhecer os limites da inteligência, os limites da arte, e entom precisamente essa capacidade de deter-se onde se deve deter um para nom professar à maneira dum Mallarmé, por exemplo, umha religiom exclusivamente estética, imbui, enche dumha cordial humanidade umha obra que, deste jeito, pode ter um eco mais persistente, nom só nos coraçons, mas nos cérebros dos leitores umha vez passada a moda que pode justificar muitas aberraçons.

Hai, pois, em Otero Pedraio um romancista importante, cuja obra literária embora nom seja mais que polo feito de que el escreveu mais obras narrativas, longas e breves, que qualquer outro escritor galego, já lhe confere umha posiçom de privilégio dentro da nossa literatura e da nossa cultura.

Pero além disto, como indicámos, Otero Pedraio é um chafariz de luminosidade estilística; tem umha capacidade de expressom verdadeiramente extraordinária, verdadeiramente assombrosa, verdadeiramente abraiante; por isso em vida, cando na época franquista chegou a ser mais famoso que o fora nunca, cando já velho e portanto contemporizador, levado polo seu espírito de generosidade, de amabilidade, de cortesia,

sabia concitar-se o respeito, a adesão e até a admiração de todos, nessa época, digo, Otero Pedraio não produziu já grandes obras romancísticas, mas logrou graças aos seus discursos surpreender e engaiolar a todo o público.

No entanto, há que ter em conta que o feito da oratória, o tipo de oratória digamos académica (porque já então não eram possíveis os discursos políticos de Otero Pedraio), suscitava tanta admiração como dificuldade de compreensão por parte de uma série de ouvintes pertencentes ou às novas gerações ou a gerações antigas mas educadas num ambiente distinto.

A que se deve isto? A que se deve que Otero fosse um escritor muito mais admirado que lido? A que se deve que tivesse um público que escutasse os seus discursos e que levasse a impressão de que presenciara um magnífico espectáculo de fogos artificiais e saísse deslumbrado, mas sem penetrar fundamente na profundidade conceitual dos discursos de Otero?

Há que ter em conta que Otero de nenhum jeito pode ser considerado com um retórico baleiro. Em Otero há doutrina constantemente, doutrina política, doutrina moral, doutrina social, doutrina artística... mas não é um retórico baleiro de nenhuma forma. Pois devia-se a que a enorme cultura humanística de Otero fazia que ele vivesse a vida literária, artística e cultural como outros vivem a vida natural, e então aquela série de enumerações e de citações de escritores e de obras, de obras literárias, de obras musicais, de obras escultóricas, de obras arquitectónicas, de obras filosóficas, produziam certo mareio no tipo de intelectual mais asséptico, mais constrangido, que não podia digerir com o seu miserável estômago essa enorme riqueza alimentícia, que do ponto de vista artístico este grande produtor que era Otero lhe proporcionava.

De todos os jeitos, se não era compreendido na sua integridade, todos os que o rodearam acabaram convencendo-se de que estavam em presença dumha figura genial, figura genial que não obstante não apresenta na sua obra os caracteres dumha perfeição clássica. Mas digamos algo, finalmente, do papel que no decurso da história do romance galego Otero representa.

O romance galego, quando nasce? Bem, aqui há duas doutrinas verdadeiramente incompatíveis. Para uns, Galiza nasce na idade Média, nasce quando o seu idioma, e então temos umha etapa brilhante, umha etapa em que a Galiza nascente forma umha unidade com o resto daqueles territórios que pertenceram à Gallaecia romana. É a época que chamamos da literatura galego-portuguesa, e brilha sobretudo nos textos trovadorescos que os cancioneiros nos conservaram.

Depois, como é sabido, há umha etapa de obscuridade, umha etapa de decadência, em que o idioma galego deixa praticamente de ser umha língua literária e se reclui no âmbito dum dialecto rural: é a época da castelhanização. O galego usa-se só no campo, ou, se se usa nas cidades, usa-se no âmbito familiar; mas, para todas as ocasiões solenes e decisivas, emprega-se a sonora língua castelhana, e então, naturalmente, como passa sempre que se produz um bilinguismo deste tipo, a língua mais elevada na ordem institucional e social pugna por eliminar a mais humilde e recluída em planos menos brilhantes. De maneira que o galego não somente ficou recluído nesta esfera subalterna da conversa coloquial, mas além disto ficou estranhamente fossilizado, de jeito que quando algo se inventava, quando algo chegava ao nosso país, chegava como manifestação progressiva ao través do castelhano. Então o galego não se regenerava, nem a deriva do idioma continuava produzindo.

É evidente que umha língua nessas condições está destinada a morrer. Pode durar mais ou menos tempo (pero não muito tempo) porque não existiam ferrocarris, porque os caminhos eram escassos e as comunicações não traíam até o mesmo miolo da vida campesina, como traem hoje as inovações idiomáticas.

Mas agora nom estamos a tratar deste problema de sociologia e de filosofia da história da língua galega, senom que nos estamos referindo ao feito de que ao falar do romance galego, podemos partir da época medieval, ou podemos partir do ressurdimento, do ressurdimento que no Romantismo tardio (na realidade já na época do Realismo, pero cando ainda dominavam no nosso país, arcaicamente, muitas tradiçõs românticas) produz um tímido volver ao galego no campo literário.

Por suposto, como em todo, os galegos podemos eleger entre ter um passado distinguido, um passado ilustre, ou ter uns ascendentes que mal se remontam a um século ou pouco mais.

Quero dizer com isto que hai quem quer refugar toda a literatura galegoportuguesa como nom nossa, e hai quem, polo contrário, considera que essa é umha tradiçom interrompida na consciência do país certamente desde fins da Idade Média, pero a que hai que volver, na qual hai que reincorporarse, porque o contrário é renunciar aos mais distinguidos dos nossos antepassados.

Se aceitamos a doutrina que parece mais digna, considerar que assi como o Poema do Cid é um antecedente de Azorín, as obras literárias da época medieval som antecedentes de Otero Pedraio, entom situamos Otero numha linha romancística que tem muito interesse. Porque o romance existiu, por suposto, na Idade Média: o que ocorre é que na Idade Média se dava umha comunidade de espírito europeu, que fazia que o objecto real da literatura fossem umha série de tópoi, umha série de lugares comuns, umha série de tradiçõs, umha série de lendas ou umha série de sentimentos que tinham diversa origem, que eram comuns a toda a Europa.

Entom falava-se da naçom europeia, da naçom cristá, que vinha a ser o mesmo porque entom havia unidade de fé na Europa. Havia certamente um cisma, o Cisma de Oriente, e mais os cismas de Ocidente, mais ou menos passageiros, mas todo o mundo era cristao, todo mundo, desde os territórios dominados polo Basileus de Bizâncio até o fisterres armoricano, galaico e britânico, todo o mundo se considerava redimido polo sangue de Cristo: havia unidade de fé.

Esta unidade de fé criava umha consciência comum, sublinhada polo feito de existir nos primeiros tempos, na alta Idade Média, umha mesma língua para expressar esta cultura, que era a língua latina; um latim naturalmente mais ou menos transformado, mas que todos os clérigos, todos os clerics cultivavam com igual sentimento de propriedade. Entom os temas eram unos, e os romances galegos som os romances franceses, som os romances italianos, som os romances, mesmo, germânicos e até eslavos.

Os grandes ciclos de narraçõs, o ciclo clássico, o ciclo bretom, o ciclo carolíngio, tenhem a sua repercussom entre nós; de maneira que nós temos a Crónica Troiana e a História Troiana, que som versons galegas ou bilíngües dum tema que em França, que era o grande centro de difusom desta temática, foi especialmente ilustrado pola obra de de Sainte-Maure, que reproduziu uns apócrifos gregos que à sua vez conhecíamos principalmente através de traduçõs latinas.

E temos a brilhante literatura bretoa, todo o ciclo artúrico, o ciclo do Graal, A demanda do Graal e o José de Arimateia, que conservamos na sua totalidade, e os fragmentos posteriormente descobertos do Tristám e do Merlim, que formavam parte da grande vulgata que nos apresentava, primeiro numha versom cavaleiresca, mas logo numha versom monacal, a busca do Graal; primeiro nas aventuras galantes dos cavaleiros da Távola Redonda, os pecados de Lançarote e Genebra, de Tristám e Iseu; de depois, cando o clero se apoderou desta temática, a transformaçom ao divino destas aventuras.

Procura-se o Graal, e o Graal vai redimir os pecados de galantaria dos cavaleiros da Távola Redonda. Galaaz, filho de Lançarote, vai purificar em certo modo os amores adúlteros de seu pai.

Dentro desta tradição nom podemos dizer que haja temas que se perpetuem mais além da própria Idade Média, pero si sabemos que modernamente foram retomados, foram reatados por escritores actuais, escritores inclusive de obras narrativas. Estám presentes na vossa mente agora umha série de nomes de escritores de diversas geraçõs que tratarom brilhantemente estes temas artúricos. Tratou-nos, claro está, Cabanilhas em verso nas Sagas do Graal, mas sabemos que outros autores mais moços também tocarom estes temas.

Nom obstante, coa reparaçom do romance depois que o Romantismo difundido por toda Europa reavivasse o sentimento da autenticidade do próprio, do local, do típico, surdirá de novo umha literatura neo-ocitânica e catalá, e umha literatura galega, que refugavam a tirania das línguas oficiais dos Estados em que estavam inseridos os falantes e escreventes nestas línguas marginadas e marginais; entom nesse momento hai praticamente umha nova série de literaturas que, se sentimentalmente evocam os precedentes medievais melhor ou pior conhecidos, nos aspectos técnicos dependem das grandes literaturas triunfantes desde o Renascimento nos Estados onde as línguas marginais precariamente se conservaram. E os modelos dos romances que, agora se escrevem nessas línguas, som as obras clássicas ou contemporâneas dos escritores de maior prestígio nas línguas oficiais. Isso é o que passa na literatura galega.

E, prescindindo agora dos ensaios de relato breve, que som mui importantes entre nós, lembremos que cando Otero começa em 1928 a produzir a sua novelística temos diversos intentos de criar um tipo de romance, um tipo de novela longa (o castelhana é o único idioma latino que chama novela ao que chamam romance, roman, romano, as demais línguas latinas, porque novela é naturalmente um diminutivo, e originariamente designa o relato breve, a novela curta de hoje para o leitor castelhana. Cervantes jamais chamou novela ao Quixote; aplicou esse nome às Novelas exemplares, mas nom ao Quixote).

Pois bem, temos estes intentos de romance, que, por suposto, chamavam «novelas» com submissom resignada à terminologia castelhana, pero hoje estám-se publicando, e ainda que muitas delas nom tenham grande valor literário, temos que amar todos os esforços que se fizerom para refazer a nossa literatura, que é refazer a nossa alma, que é refazer o nosso espírito. E neste sentido som de lembrar Majina, de Valladares (publicada em 1880); as novelas de López Ferreiro, novelas históricas inspiradas nas de Walter Scott mas mais breves geralmente, das quais A Tecedeira de Bonaval é a melhor, de ambiente, como indica o seu título, compostelano (é de 1894); recordemos também A cruz de salgueiro, de Rodríguez López (de 1899); A besta, primeiro ensaio de novela naturalista, mas curiosamente concebida de um ponto de vista católico, que até certo ponto é umha réplica da novela de Zola, assinada por um Jam de Masma, que era um escritor chamado Patricio Delgado Luaces (publicada também em 1899).

Às que seguem, ainda nos começos do século, a Fermosinda, de Porto Rei, publicada em 1918, umha falsa novela histórica que se desenvolve numha Idade Média convencional; a Néveda, de Francisca Herrera Garrido, de 1920; e o Estevo, que é de 1927, de Lesta Meis, romance interessante, mas para mim inferior ao seu protótipo em forma de novela, quer dizer, em forma de texto breve, que se publica com anterioridade, e que pola sua maior contençaõ devemos considerar mais logrado. Obra esta, tanto na sua versom breve como na mais desenvolvida, que tem ademais o interesse de que por primeira vez se nos dá por um escritor galego umha visom da vida do emigrante no lugar da imigraçom, neste; caso concreto, em Cuba.

Porque até agora se vira o tema da emigração quase exclusivamente do ponto de vista, do que fica no país, Rosalia de Castro tratou este tema com grande profundidade numa secção, de Follas Novas, mas ela situava-se no Parrote, onde embarcavam os emigrantes para América. Tem alguma alusão à vida fora do país, mas, claro, ela não a conhecia, e por tanto estas alusões são praticamente irrelevantes na sua obra.

Em troca Lesta Meis, que foi o mesmo emigrante, pôde-nos traçar um quadro interessante da vida em Cuba, nos engenhos, em contacto com as formas de vida próprias da manígia. Mas eu prefiro, já digo, a versão breve, Manecho, o da rua, uma novelinha que está mais centrada, a este demasiado desenvolvido e um pouco distendido, um pouco excessivamente prolixo, Estevo, publicado posteriormente.

E esta era a situação do romance quando Otero Pedraio publica Os caminhos da vida, em 1928.

Recordo muito bem aqueles anos. Vós, grande parte de vós olha-me com um pouco de surpresa, mas enfim, o ano 28 para mim é ontem, de maneira que estou perfeitamente imerso agora na atmosfera daqueles dias, estou vendo Otero Pedraio em Ponte-Vedra, regalando exemplares de Os caminhos da vida e dizendo que se publicara em três tomos porque assim julgara conveniente o editor.

O editor era Ángel Casal, o benemérito mártir e amigo de tantos de nós; o editor preferiu publicá-lo em três voluminhos, mas Otero fixo-o como uma obra única. Efectivamente, veio em três voluminhos, que correspondem às três partes em que se divide: «Os senhores da terra», «A Maorazga» e «O Estudante».

Pois bem, esta obra inicia esta grande epopeia das mudanças sociais da Galiza a partir da Desamortização. Há um capítulo, em «Os senhores da terra», em que um crego, um crego tradicionalista, um crego carlista, que representava, digamos, o Antigo Regime, chama a desoras à porta dos Doncos, uma família de nobres, de fidalgos, que recebem com alvoroço a notícia de que vai amanhã estalar a revolução carlista em toda Espanha, e que vai impor-se imediatamente o regime representado por D. Carlos, o irmão de Fernando VII, porque o governo de Maria Cristina, o governo da Regência, o governo da Rainha-meninha, D. Isabel, cometera o grandíssimo erro de impor a Desamortização e a Exclausuração. E isto vai produzir uma sublevação geral: a gente do povo não vai tolerar que se expropriem os bens eclesiásticos; vai sublevar-se o país, e então esta é uma notícia maravilhosa, extraordinária. Naturalmente, isto não ocorreu. Há, com efeito, uma parte do povo que apoiou os carlistas, mas a maioria mantém-se, sobretudo no nosso país, cautelosa à espreita, e o carlismo depois de três guerras infrutuosas, acaba por desaparecer.

É uma passagem muito formosa quando, efectivamente, este crego, D. Jacobo de Castro, chama a desoras no portão da casa dos Doncos para dar-lhes a boa nova que foi, com efeito, o princípio da transformação social que em último termo anulou todo ou quase todo o que representava aquele crego e os mais de Galiza. Estamos no momento em que vai nascer Rosalia. 1836-1837, desta época são os primeiros decretos, as primeiras leis desamortizadoras, que, como dizia Otero Pedraio, criaram uma grande revolução. Foi a grande revolução em Espanha, antes da que se produziu a consequência dos câmbios dos tempos já durante os nossos próprios anos.

E esta obra apresenta-nos a evolução da sociedade galega até aproximadamente às vésperas setembrinas. De maneira que é a etapa dos precursores.

Como é sabido, pode-se continuar esta história épico-lírica de Galiza através de Otero Pedraio na sua seguinte obra, o romance *Arredor de si*, que nos apresenta a história da conversora ao galeguismo dos homens que faziam La Centuria.

Há sempre um herói em Otero Pedraio que leva o nome de Adrián Soutelo ou Adrián Solovio, e que representa a sua própria figura, enquanto esta se converte no eixo

dumha açom. Porém, como tem dito Risco, Arredor de si, mais que umha biografia mais ou menos fantástica (porque nom hai obras biográficas novelísticas que se podam confundir com verdades históricas), mais que umha biografia dum home, era umha biografia do grupo, porque todos aqueles homes andarom arredor de si, e logo acharom ao fim a sua justificação, acharom a sua salvação no destino de servidores do país. Ao qual uns permanecerom fieis até a morte, enquanto outros, por debilidades humanas, por circunstâncias que nom podemos julgar, volverom a cair naquel dandismo, naquela versatilidade que os engaiolou antes de achar o caminho da sua terra.

Esta obra, pois, Arredor de si, apresenta-nos esse momento, o momento da Geraçom Nós.

E, finalmente, Devalar é um grande poema, um romance feito com umha técnica mui notável, porque em Otero hai muitos achados técnicos que demostram que lia escritores mui modernos, escritores do seu tempo; Devalar é a história de Galiza, a história natural e humana de Galiza nos tempos do Seminário, do Seminário de Estudos Galegos. Por isso eu tenho sempre indicado que os que trabalhámos no Seminário de Estudos Galegos achamo-nos representados por duas figuras desta obra: Martinho Dumbria e Paulinhos Fontela, que som rapazes criados pola imaginação de Otero, que em certo modo nos idealizam a nós mesmos; o que teríamos querido ser era aquilo, dous rapazes que, cultivando diversas disciplinas, chegam a libertar-se da côdea imposta por umha educação exotizante, e a consagrarse ao seu país.

Inclusive um deles, Pauliños Fontela, escreve umha novela, As palmas de Ervom, que vai ser escrita por Otero Pedraio depois em castelhano co nome de Las palmas del convento.

E Devalar está inspirada numha obra de Castelao, numha obra gráfica de Castelao, que se chama Devalando; e está dedicada, como dizíamos, a Castelao no desterro (Castelao achava-se em Badajoz). Em Devalar manifesta-se esta capacidade de compreensom da mocidade por Otero, que ia ser precisamente o derradeiro presidente do Seminário de Estudos Galegos. Apresenta-se-nos umha Galiza unida por mil caminhos em que se nos traçam quadros admiráveis de realidades da vida geórgica e urbana, como a escasula, a vindima, a orvalheira na rua, os socos na corredoiira, umha viagem trem misto, a aprendizagem dos moços na Universidade de Santiago, e, finalmente, reúnem-se aquelas alusons a diversos fragmentos da vida galega, para unilos como um acorde final que é o monólogo dum caminho, o caminho que une as vilas e que une os diversos lugares de Galiza.

Agora, como sabedes, están-se reeditando os romances de Otero. Falta ainda por reeditar, nos anteriores a 1936, o Gelmírez, e este Devalar. Desgraçadamente, as ediçons que se fam, som ediçons que estandardizam a língua de Otero; e portanto modificam a linguagem do nosso mestre, que por certo é umha linguagem que nom tem aquela transparência, aquela coerência dos ensaios, admiráveis para o seu tempo, dum Cabanilhas ou dum Castelao. É umha língua mais turva, mais cheia de asperezas e de inconseqüências, mas é a de Otero. Queridos amigos, é umha responsabilidade enorme colher a obra de Otero e corrigi-la como se corrige o exercício dum rapaz por um professor de primeiro ensino ou de bacharelato. Umha cousa é que se faga umha edição crítica indicando os hiperenxebrismos ou os castelhanismos ou as faltas de sintaxe de Otero, promovidas sempre polo fenómeno da diglòssia, e outra é que, como a Inês de Castro segundo a lenda a tirarom da tumba para vesti-la com um traje régio, incorramos no macabro desporto de colher Otero e convertê-lo num fantasma enfeitado que reina depois de morrer, conforme um galego decretado que el nem sequer conheceu, ao qual nom podia aderir porque é posterior à sua morte.

Pois bem, para rematar, indicaremos que esta série de romances contemporâneos, que nos apresentam todo um século da vida moderna coa transformaçom da Galiza agrícola com campesinos, senhores e frades cobrando rendas, numha Galiza em que tem umha importância o comercial e o administrativo que nom tinha antes, está completada coa visom dumha Galiza mais antiga, representada fundamentalmente pola novela A romeiria de Gelmírez, que com admirável erudiçom traça o itinerário da viagem que realizou Gelmírez desde Compostela a Roma, passando polos mosteiros cluniacenses de França, das Gálias, donde nos chegava o apoio da poderosa ordem de Cluny, para impetrar de Pascoal II, cluniacense el mesmo, a concessom do pálio arcebispal.

Já sabedes que a concessom do carácter metropolitano, mentres Mérida estivesse em poder dos infiéis, a Santiago de Compostela (depois conquistou-se Mérida, mas Santiago já nom renunciou, naturalmente, ao carácter metropolitano), foi obtida graças à simpatia à Igreja compostelana do papa Calisto II, irmao do Conde D. Raimundo de Borgonha, em cuja chancelaria Gelmírez novo figera as suas primeiras armas de político. O papa concedeu esta graça sem que Gelmírez fosse pessoalmente pedir-lha: enviou emissários. Pero antes Gelmírez conseguiu o pálio arcebispal, que, já sabedes, é essa espécie de estola que vestem os arcebispos e alguns bispos; de maneira que foi passo prévio à concessom do carácter metropolitano.

Este romance, no qual figura aquela famosa descriçom de Galiza que eu reproduzo numha antologia que publiquei hai algum tempo, nunca foi reeditado. E por certo que lhe tributou Cunqueiro, um dos poucos escritores que em imaginaçom se podem comparar com Otero, umha curiosíssima homenagem.

Cunqueiro Mora, Álvaro, o grande escritor mindoniense, nos primeiros tempos do franquismo, publicou em 1945 umha novela sob o pseudónimo de Alvaro Labrada, inspirada na figura de Sam Gonçalo, o bispo Sam Gonçalo de Mondonhede, aquel que logrou mediante as suas preces afundir umha esquadra de normandos que queriam desembarcar na ria de Foz.

Pois bem, esta novela, San Gonzalo, novela histórica hagiográfica, traça-nos umha viagem de Gonçalo a Roma, e esta viagem, em castelhano, reproduz, abreviando-as e adaptando-as, páginas e páginas de A romeiria de Gelmírez. Porque ocorreu isto! Porque Cunqueiro era capaz de inventar todas as viagens de Sam Gonçalo a Roma, ainda que el nom tivesse estado nunca ali, com aquela portentosa imaginaçom que tinha. Por quê, logo, traduziu amplamente o texto oteriano?

Eu tratei de averiguá-lo, e umha vez aludim a este feito ante o próprio Otero Pedraio; Otero Pedraio, ou nom estava inteirado, ou botou a bola fora, fijo-se o parvo e nom me dixo nada, nom tirei nada del. E a Cunqueiro —a quem tratava muito também—, claro, nom me atrevim realmente a falar-lhe, porque isto tem todos os caracteres exteriores dumha apropriaçom injustificada.

Ora bem, como sabemos que era Cunqueiro tam capaz como Otero Pedraio, ainda que com menos erudiçom, de traçar umha viagem imaginária, temos que perguntar-nos a que se deve esse feito. Eu creio que se deveu a que seguramente tinha comprometido o envio do original num determinado prazo, talvez caducado, e o apressavam para que enviasse ao dia seguinte ou dentro de dous dias o original convido, e nom tivo mais remédio que colher a máquina e ir traduzindo o texto de Otero Pedraio, porque o tempo nom dava para mais. Pero o caso é que este feito se dá; por suposto, conste, repito, que Cunqueiro tinha tanta imaginaçom ou mais imaginaçom que o próprio Otero Pedraio; entom é um feito inexplicável e sobre o qual, confesso, nunca me atrevim a perguntar-lhe nada a Cunqueiro, que era um home na realidade mui tímido, e ante a aparência de expólio que isto tinha, pois quiçá se tivesse turvado; assi que me pareceu delicado nom perguntar-lhe nada. E os intentos que figem de conhecer a reacçom de Otero, de saber

se Otero estava inteirado deste feito, produzirom o resultado que vos indiquei. Foi un córner que nom facilitou o jogo.

Estaría bem, se nom fosse que o relógio me está ameazando coa sua eloquência mecânica e tenho que terminar, fazer umha pequena catalogaçom das principais figuras, dos principais personemas que em Otero Pedraio aparecem: o fidalgo tolo; o intelectual como Adriám Solovio, Adriám Soutelo, Adriám Silva; a fidalga formosa, como a Rosalia que aparece em Os senhores da terra; a fidalga activa e forte como a Ramoninha da mesma obra, ou dona Adelina de O senhorito da Reboraina; umha personagem preciosa que é a aldeá, a mulher do campo que se enamora dum senhor e que é fiel.

É curiosíssimo que estas mulheres, estas moças alheias, por que tem predilecçom Otero como escritor e eu como leitor, levam uns nomes em que avondam as consoantes bilabiais, as consoantes nasais; chaman-se sempre Bibiana, Balbanera, Genoveva... Evidentemente, están inspiradas nalgum recorde adolescente de D. Ramóm.

Ao lado deste tipo feminino tem menos importância o tipo de mulher exótica, a Edith irlandesa de Os caminhos da vida; a china Tehun-Tsiu da última novela de Otero Pedraio em galego O senhorito da Reboraina; Emma, dessa mesma novela; ou a senhorita de Vilarpunteiro de O mesom dos ermos.

Hai logo o petrúcio aldeao, que já pode estar representado num protótipo por Pantelas, o home livre da primeira novelinha breve que Otero publicou.

Devo dizer que o último dos romances da série de Otero Pedraio que nos traça o quadro da vida de Galiza através dum século é O senhorito da Reboraina, o único romance em galego de Otero Pedraio publicado depois da guerra, quando Otero já nom era o mesmo, quando Otero estava em certo modo mitificado, estava rodeado de admiraçom mas ao mesmo tempo neutralizado, que é o que se fai sempre quando se pratica o culto dumha personalidade dumha forma colectiva quase unânime. Este romance, inferior evidentemente em mérito e em rigor aos romances anteriores à guerra, é curioso porque parece como umha paródia dos próprios romances de Otero.

O senhorito da Reboraina é um personagem histórico, D. Joam Manuel Pereira, que foi senhor dum paço que hai nas proximidades de Redondela e que se chama o paço da Reboreda, nom da Reboraina. Foi republicano, amigo de Castelar; foi embaixador, no Extremo Oriente, de maneira que se foi alá, a Indochina, andou na China também, pero como a primeira República espanhola durou tam pouco, chegou-lhe a notícia de que já estava destituído como embaixador antes de que pudesse chegar obviamente à China, pero ocorrerom-lhe umha série de aventuras naquel país que traça Otero Pedraio com um pincel que recorda em certo modo a Cunqueiro, como se lhe devolvesse a homenagem involuntária de tomar aquelas páginas da Romeiria de Gelmírez para San Gonzalo, agora nos traça umhas páginas bastantes extravagantes, dum humor que parece cunqueiriano.

Agora remato de verdade, pero quero, lamentando muito nom poder estender-me mais para render a homenagem que merece Otero Pedraio, quero indicar que se fala em occasions de que Otero Pedraio é um autor idealista, romântico, que canta aos fidalgos como se se tratasse dumha casta agrégia, umha espécie de arcanjós patriarcais, à maneira de Valle-Inclán. E nom é assi. Hai, efectivamente, figuras de nobres, de fidalgos, distinguidos, cavaleirosos, muitas vezes débeis, que arruínam o seu património, como passa no paço dos Puga em «Os senhores da terra»; mas, se lestes Os caminhos da vida, poderedes recordar que ali hai um ritmo de contraposiçom entre duas famílias habitantes de dous paços: os Puga e os Doncos.

Por certo que os Puga reproduzem mais ou menos indirectamente a própria casta de Otero Pedraio; o Estudante, o último senhor do paço dos Puga, é o próprio pai de Otero Pedraio, ou umha transposiçom literária do pai de Otero Pedraio.

Pero os Doncos, que nom souberom conservar o seu patrimonio, caírom na abjecçom. Houvo dous morgados que cometerom dous terríveis assassinatos. E vou ler, para rematar, para que as minhas palavras um tanto confusas e um tanto precipitadas, sejam coroadas pola palavra do nosso querido amigo e mestre D. Ramom Otero Pedraio, vou ler um troço em que, com um realismo atroz, se descreve a abjecçom e a decadência da casta dos Doncos. D. Caetano, que era o velho senhor do paço, já nom regia, e os seus filhos tratavam-no ignominiosamente.

Leamos esta página:

«O dom Caetano , já parvo, está afundido num silhom, preto da solaina do meio-dia. Tem as barbas, as solapas do capote, a manta que lhe cobre as pernas, lixadas pola porcalhada do jantar. Baixinho, baixo, reza a calquer santo; tem medo, e já ò empardecer, polo vam da porta, vai passar silandeira umha pantasma. Trema todos os membros tolheitos; quer berrar e nom se astreve. Ofrece ir em pelerinage às Ânemas de Santiago. Vai medrando a noite. Da cozinha chega um balbordo de cuncas e jerras, de apoupeos e de risadas. Quer berrar pola mulher. Canto daria por tê-la ali, ò seu pé, e ranhar-lhe a fermosa testa coberta de riços negros! Passa o Laureano; dazaoito ou corenta anos. Nom se sabe. Corpo gigante, abombeado o peito, pernas coma raízes de carvalhas, retortas e trencas; ò passar bota-lhe b pai a língua cum gesto de demo bulreiro. Por fim lembram-se dil na cozinha e vem um criado langranote cum prato de sopas na mam. Leva a monteira posta e meia ola de vinho no corpo. Chegando-se ò amo espeta-lhe o prato nas gorjas. A faciana do velho manifesta um horror e um nojo. Entom o langranote mete-lhe na boca umha culherada com culher de pau e di:

—Come, porco, e farta-te! E logo nom queres fazer o osso beilando na cozinha.

O velho pecha as genzivas sim dentâmia, e seus olhos moles, onde molha umha bágua, afundem-se na quente lavadura da sopa».

Idealizaçom dos fidalgos? Cando procede. Pero constataçom notarial da degradaçom da sociedade a que o próprio Otero pertencia cando hai que fazê-lo constar. Nom quer restaurar umha sociedade galega que viva sob o governo dumha aristocracia já definitivamente empobrecida, material e espiritualmente. O que quer é que se promova um espírito de substituiçom daquela casta que num tempo deveu (e nom fijo) orientar a vida colectiva do país, por outra casta de fidalgos no sentido espiritual, procedente de qualquer ordem, de qualquer estamento social, pero que tenha consciência da Terra, e que promova o seu renascimento.

É o que expressou no conto A sirena, onde um senhorito de paço, casado com umha mulher do Norte, que simboliza a modernidade, quer regenerar o país. Por suposto, deverom ser naquela época os fidalgos os realizadores desta política; mas os fidalgos podem sê-lo de qualquer procedência, com tal que tenham a nobreza espiritual que se necessita para sacrificar-se polo país e para saber procurar de novo aqueles caminhos que outrora nos permitirom ser nós, e reviver-nos e ser outros, melhorando-nos e superando-nos cada dia.